

FSP Igualdade ilusória 2/8/91

Causa surpresa, pelo desconhecimento que demonstra, a declaração feita no Rio pelo líder negro da África do Sul e presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, de que o Brasil constitui um exemplo de sociedade multirracial a ser seguido.

Apesar de se reconhecer que a manifestação é motivada também pela intenção amistosa comum aos que desejam retribuir os rapapés atenciosos dos comitês de boas-vindas, é forçoso verificar que —infelizmente— o relacionamento entre as raças no Brasil está bem longe de exibir uma harmonia tal que mereça ser imitada.

Com efeito, pode parecer a um visitante sul-africano que a ausência de instrumentos legais de discriminação —como os que lamentavelmente persistem no regime de Pretória— implique o estabelecimento de uma sociedade em que as oportunidades se acham igualmente abertas a todos, independentemente da cor de sua pele.

Esta foi, por sinal, a tônica do discurso oficial dos governos e das elites brasileiras —e da imagem oferecida ao exterior— durante décadas, desde a abolição formal da escravatura no país, há pouco mais de um século.

Entretanto, se é verdade que o convívio racial no Brasil tem características muito menos violentas e ostensivas do que na África do Sul, subsiste, sob o verniz igualitarista, uma realidade eivada por inúmeras sutilezas discriminatórias herdadas do período escravista.

Tal situação contribui para agravar ainda mais as profundas injustiças da estrutura social brasileira, configurando um quadro especialmente perverso para os negros. Partindo, via de regra, de uma brutal inferioridade, têm estreitadas as suas chances de ascender no trabalho e na sociedade. Tendem assim a permanecer nas camadas mais pobres da sociedade, só dentro das quais a ausência de distinção econômica entre as raças parece lentamente atenuar a prática da discriminação —ao contrário do que ocorre entre as elites e a classe média, onde ela apenas se perpetua.

Um dos poucos avanços na luta contra o racismo realizados no país, nos últimos anos, foi exatamente o reconhecimento da existência desse preconceito. Voltar a mascarar-lo agora, sob o falso véu de uma democracia racial, seria um retrocesso inaceitável.